



GT 67. Povos indígenas e abordagens transversais: etnologia, história e arqueologia

Coordenador(es):

Vicente Cretton Pereira (UFV - Universidade Federal de Viçosa)

Spensy Kmitta Pimentel (UFSB)

Sessão 1

Debatedor/a: Rafael Fernandes Mendes Júnior (BN)

Sessão 2

Debatedor/a: Fabíola Andréa Silva (USP - Universidade de São Paulo)

O objetivo deste GT é reunir pesquisadores cujos trabalhos explorem a transversalidade entre a antropologia, história e arqueologia relacionada aos povos ameríndios, a fim de iniciar uma discussão sobre novos paradigmas analíticos possíveis em função dos avanços registrados na pesquisa nas duas últimas décadas. Por exemplo, as relações entre os diversos povos indígenas amazônicos e seus padrões da borracha no século XIX, ou entre os grupos guarani e as missões jesuíticas e franciscanas entre os séculos XVI e XIX apontam para a relevância da história para o debate sobre as transformações pelas quais passaram esses e outros grupos ameríndios. A crítica etnográfica de fontes históricas tem trazido à tona dados preciosos acerca de muitos contextos americanos, permitindo reconstruir, ainda que parcialmente, determinadas realidades sociais – bem como repensar as realidades presentes vividas por esses indígenas. Além da antropologia e da história, trabalhos recentes em arqueologia têm contribuído decisivamente para uma maior compreensão de tais realidades, seja desvelando o caráter antropogênico da floresta amazônica por exemplo, ou ainda desenvolvendo uma perspectiva antineolítica para esta região, diferenciando as trajetórias dos povos ameríndios e as dos povos do velho mundo, permitindo vislumbrar traços do que seria uma História Antiga da América.

Teologia e Etnografia na Missão do Rio dos Peixes: entre índios católicos e missionários indigenistas

Autoria: Enrique Polto Taborda (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este work versa sobre uma história de encontros, contato, tensões e coexistência, de três povos indígenas e o cristianismo, a partir do ponto de vista de um teólogo. Seu testemunho aparece na forma de um diário de campo que produziu durante a função que ocupou, de 1986 a 1996, como assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário do Mato Grosso (CIMI-MT). O diário narra as impressões do pe. Taborda de sua vivência entre aqueles povos e entre aqueles missionários indigenistas que, de algum modo, procuravam colocar em prática o novo paradigma de missão fundamentado na chamada "Teologia da Inculturação" que, a partir dos anos 1950, começava a ser sistematizado por diversos agentes da Igreja em várias partes do mundo. O conceito de inculturação conforma uma chave de leitura na preocupação por parte dos agentes da Igreja Católica com as relações entre evangelização e cultura. Pelos contextos e fins de seu uso, e por sua estreita ligação com uma certa ideia de "cultura", tal conceito teológico é subsidiário da antropologia social e implica um diálogo mais ou menos estreito entre as duas disciplinas. Tomando, então, o documento como um certo tipo de material etnográfico – marcado pelo gênero discursivo do diário e atravessado pelas preocupações teológicas de seu autor –, a proposta deste work é discutir as observações "etnográficas" produzidas nos cadernos do teólogo em campo, à luz da literatura etnológica sobre os povos Kayabi, Apiaká e



Munduruku que vivem na Terra Indígena do Rio dos Peixes. Ao dar paridade epistemológica a tais registros, ao lado de etnografias realizadas junto a esses povos por diferentes etnólogos, tem-se um cruzamento de perspectivas que lança luz sobre uma multiplicidade de perspectivas e fenômenos. Entre elas, a visão teológica do jesuíta sobre o que seria uma ?evangelização inculturada? ? que não é necessariamente a mesma dos missionários; o entendimento destes últimos sobre sua própria atuação junto aos povos indígenas e a atuação missionária contemporânea da Igreja Católica; e as noções cosmológicas dos coletivos ameríndios que vivem nas aldeias do Rio dos Peixes, suas práticas religiosas, suas tradições e ?conversões?, assim como sobre as dinâmicas políticas interétnicas que fazem parte do cotidiano daquela missão.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: